

**A + B (28 set. 1886)\***

A. – Vinha agora mesmo pensando em Vossa Excelência...<sup>1</sup>

B. – Excelência!<sup>2</sup>

A. – Desculpe-me; foi um jeito que me ficou da conversa que tive com um deputado. E justamente por causa dele é que eu vinha pensando em você; falamos das últimas votações do senado;<sup>3</sup> ele, supondo estar na câmara,<sup>4</sup> disse-me, levantando os braços: – Os acontecimentos precipitam-se de uma maneira vertiginosa.<sup>5</sup>

B. – Que acontecimentos?

A. – Foi o que ele me não quis dizer; ou por discrição, ou porque efetivamente não sabe nada. Chegou mesmo a queixar-se de não perceber em que paravam as modas. Já estive certo da fusão,<sup>6</sup> depois perdeu-a de vista, afinal parece-lhe que é inevitável. Eu, para consolá-lo, falei do *Chapéu de palhinha de Itália*,<sup>7</sup> um *vaudeville* antigo, contei-lhe a ação da peça, e citei-lhe as exclamações do pai da noiva: “Meu genro, tudo está

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XII, n. 271, p. 1, 28 set. 1886), DRR (p. 21-24) e OCA2008, (v. 4, p. 664-665). Texto-base: GN. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Vossa Excelência...] vossa excelência... – em OCA2008.

<sup>2</sup> Decreto Imperial de 29 de maio de 1826, publicado em 08 de junho de 1826, determinava que os presidentes das câmaras dos senadores e dos deputados tivessem o tratamento de “Excelência”, e dele também gozassem os secretários das mesmas câmaras na correspondência oficial. (Cf. DIÁRIO da câmara dos senadores do Império do Brasil, 1826, p. 201)

<sup>3</sup> senado;] Senado; – em OCA2008 (nesta edição, em todas as ocorrências, essa palavra traz inicial maiúscula).

<sup>4</sup> câmara,] Câmara, – em OCA2008 (nesta edição, em todas as ocorrências, essa palavra traz inicial maiúscula).

<sup>5</sup> – Os acontecimentos precipitam-se de uma maneira vertiginosa.] – Os acontecimentos precipitam-se de uma maneira vertiginosa? – em DRR; “Os acontecimentos precipitam-se de uma maneira vertiginosa”. – em OCA2008.

<sup>6</sup> Ver nota n. 7 em “A + B (22 set. 1886)”.

<sup>7</sup> *Itália*,] *Itália* – em DRR e em OCA2008. A comédia *Un chapeau de paille d’Italie*, de Eugène Labiche (1815-1888), em cinco atos, estreou em Paris em 1851.

desfeito!” – “Meu genro, tudo está reconciliado!”<sup>8</sup> Expliquei-lhe que o genro era o ministério,<sup>9</sup> e que o senado é o sogro... Disse-lhe mais, que todas as peças, ainda as de cinco atos, acabam sempre; e que para ele toda a questão era dormir cedo ou tarde, com ceia ou sem ceia, – talvez sem ceia...<sup>10</sup> Em suma, duas horas de conversação...

B. – Noto uma coincidência.

A. – Qual?

B. – Você citava um *vaudeville* antigo; eu pensava na Ópera Nacional...<sup>11</sup>

A. – Não a conheci; estava fora da corte por esse tempo.

B. – A Ópera Nacional foi uma instituição que aqui houve para cantar óperas italianas, traduzidas pelo De Simoni.<sup>12</sup> Quando menos pensava, deu-nos o Carlos Gomes...<sup>13</sup> Se todas as instituições deixassem assim alguma cousa... Bons tempos! Estou a ver o Ribas, o Amat, o Trindade,<sup>14</sup> sem contar as damas. Tempos deliciosos! Cantavam-se óperas sérias, óperas bufas e zarzuelas.

A. – Mas a que propósito?

---

<sup>8</sup> “Meu genro, tudo está desfeito!” – “Meu genro, tudo está reconciliado!”] “Meu genro, tudo está desfeito!”, “Meu genro, tudo está reconciliado!” – em OCA2008.

<sup>9</sup> ministério.] Ministério, – em OCA2008.

<sup>10</sup> com ceia ou sem ceia, – talvez sem ceia...] com ceia ou sem ceia, talvez sem ceia... – em OCA2008.

<sup>11</sup> Em 1857, criou-se a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, que gerou o primeiro grande operista brasileiro, Carlos Gomes, além de outros nomes importantes para o gênero, como, por exemplo, Henrique Alves de Mesquita e Elias Álvares Lobo. Esta instituição, fundada por iniciativa de d. José Amat, que se encarregou da administração, e com o apoio da corte imperial brasileira, tinha por objetivo estruturar uma ópera nacional no sentido estrito de oposição à ópera italiana, ainda que pela mera utilização do vernáculo em traduções de libretos originais em outras línguas. A Academia reunia nobres da sociedade carioca como membros do seu conselho diretor e artistas como Francisco Manuel da Silva, Joaquim Giannini, Manuel de Araújo Porto Alegre, membros do conselho artístico, além de escritores como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Quintino Bocaiuva, Salvador de Mendonça e Machado de Assis, atuando como libretistas, tradutores ou adaptadores de libretos. (Cf. BRANDÃO, 2012, p. 37-38.)

<sup>12</sup> Luís Vicenzi de Simoni: escritor que traduziu para o português alguns libretos de ópera italiana. (Cf. BRANDÃO, 2012, p. 45, nota 14.)

<sup>13</sup> A Ópera Nacional encenou as duas primeiras peças líricas de Carlos Gomes, *A noite do castelo*, baseada na obra de Antônio Feliciano de Castilho, e *Joana de Flandres*, esta com libreto de Salvador de Mendonça, amigo de Machado de Assis. (Cf. BRANDÃO, 2012, p. 38.)

<sup>14</sup> Personagens importantes da história da Ópera Nacional: Eduardo Medina Ribas (1825-1890), nascido em Portugal, era barítono; José Zapata y Amat era escritor e músico de origem espanhola, que, em março de 1857, quando foi criada no Rio de Janeiro a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, assumiu nela a função de gerente e administrador; Heliodoro Maria Trindade, nascido no Brasil, era barítono. (Cf. CASTAGNA, 2003, v. 10. p. 8-11.)

B. – Uma dessas peças (e foi isto que me fez pensar na Ópera Nacional) tinha por título: *Eran due, or sono tre*.<sup>15</sup> Eram duas...

A. – Agora são três.

B. – Justo. Pensei no título por causa das chapas senatoriais, que eram duas, uma conservadora, outra liberal; mas a liberal dividiu-se, e aí ficam três.<sup>16</sup>

A. – Mas por que é que se dividiria, sendo já difícil a luta de uma só?

B. – Por causa dos princípios. Meu caro, os princípios valem alguma cousa; é preciso contar com eles. Por exemplo, eu não li a circular do Malvino.<sup>17</sup>

A. – Li-a eu.

B. – Sim? Não a li, mas aposto que lá vem certo número de princípios: autonomia municipal, temporariedade do senado, grande naturalização, casamento civil, alargamento do voto, federação das províncias...

A. – Vá-se embora! Você leu a circular.

B. – Não li.

A. – Leu-a, por força; como é que se pode, sem ler...

B. – Não li, homem de Deus! é que os princípios, ora são princípios, ora são favas contadas. Parece que foram eles ou elas, ou só um deles, a causa da divisão da chapa liberal, e da criação de outra abolicionista, que, se vencer, mete o Beaurepaire-Rohan<sup>18</sup> no senado.

A. – Sim? Acho que tem real merecimento; mas, por que não será um dos outros?

---

<sup>15</sup> *Eran due, or sono tre*.] *Eran due, or son tre*. – em GN; *Eram due, or son tre* – em DRR e em OCA2008. Trata-se de um melodrama italiano, em dois atos, de Luigi Ricci, que estreou em Turim em 1834. (Cf. IZZO, 2013, p. 22.)

<sup>16</sup> Ver nota n. 14 em “A + B (22 set. 1886)”.

<sup>17</sup> A circular de Malvino da Silva Reis, datada de 22 de setembro, foi impressa nos grandes jornais da corte. Aparece, por exemplo, na *Gazeta de Notícias* de 24 de setembro de 1886, p. 2. De fato, ela aborda os temas mencionados adiante por B. No final de seu texto, escreveu o candidato: “Não sou, reconheço, uma inteligência superior, mas felizmente, como não peço pela falta das qualidades que requer a vida pública, isto é, bom senso e patriotismo, e possuo alguma prática dos negócios administrativos, é com semblante tranquilo que intento servir à nossa pátria. / Espero merecer vosso apoio, asseguro-vos que saberei honrar o vosso voto.”

<sup>18</sup> Visconde de Beaurepaire-Rohan (Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan, 1812-1894) foi militar e político. Ele ocupou o cargo de Ministro da Guerra (1864-1865) no gabinete de Francisco José Furtado (1818-1870). Era também historiador e filólogo. Na década de 1880, aproximou-se dos círculos abolicionistas. (Cf. SOUSA, I Seminário Internacional Brasil no Século XIX. Disponível em: <[https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline Almeida de Sousa.pdf](https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline%20Almeida%20de%20Sousa.pdf)>.) Ver também nota n. 14 em “A + B (22 set. 1886)” – crônica anterior a esta.

B. – Não pode ser. O Bezerra<sup>19</sup> também tem serviços, mas não se pode servir a dois senhores, – ou ao Baependi<sup>20</sup> ou a Allan Kardec.<sup>21</sup>

A. – Bem; o Eduardo...<sup>22</sup>

B. – Seria um grande prazer para os seus amigos; mas, custa dizê-lo, neste país de dispêndios à larga, o Eduardo ficava à porta; ele, que foi tão econômico quando esteve no ministério,<sup>23</sup> era capaz, entrando no senado,<sup>24</sup> de propor logo a supressão do cabide dos chapéus, com o venerável pretexto de que no parlamento<sup>25</sup> britânico todos estão de chapéu na cabeça, ou em cima das pernas.

A. – E da outra quem lhe parece que entraria?

B. – Creio que o Malvino.<sup>26</sup> E creia que, se não for agora, há de ser um dia; havemos de vê-lo entrar. Ele é dos sinceros e ingênuos; e lá está no evangelista: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”.<sup>27</sup> – Deus<sup>28</sup> aqui é um sinônimo do conde de Baependi.

A. – Mas diga-me cá uma cousa...

B. – Não posso; vou correndo para o Liceu de Artes e Ofícios, vou à conferência materialista.

A. – Com esta chuva? Diga-me cá...

B. – Não digo nada.

---

<sup>19</sup> Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) era médico, militar, jornalista, escritor e político; em virtude de ações de solidariedade que praticava, ficou conhecido como “médico dos pobres”. Disponível em: <<https://url.gratis/3L51i>>.

<sup>20</sup> Conde de Baependi (Brás Carneiro Nogueira da Costa e Gama, 1812-1887) era político, tendo sido senador de 1872 a 1887. Foi presidente do senado entre 1885 e 1887 – daí a expressão “servir a dois senhores”. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1521>>.

<sup>21</sup> dois senhores, – ou ao Baependi ou a Allan Kardec.] dois senhores, – ou ao Baependi ou a Allan-Kardec. – em DRR; dois senhores, ou ao Baependi ou a Allan-Kardec. – em OCA2008. Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail, 1804-1869) foi um influente educador, autor e tradutor francês e se notabilizou por codificar o Espiritismo.

<sup>22</sup> Eduardo de Andrade Pinto (?-1895): político, membro do Partido Liberal, deputado na legislatura de 1878-1881, ministro da Guerra (1879), e senador entre 1890 e 1893 (já na República).

<sup>23</sup> ministério] Ministério – em OCA2008.

<sup>24</sup> senado] Senado – em OCA2008.

<sup>25</sup> parlamento] Parlamento – em OCA2008.

<sup>26</sup> Eleito pelo partido conservador, o escolhido foi Francisco Belisário Soares de Sousa, cujo mandato começou em 1887. A chapa conservadora foi constituída com os seguintes nomes: “Conselheiro João Manuel Pereira da Silva, capitalista. / Dr. Domingos de Andrade Figueira, capitalista. / Conselheiro Francisco Belisário Soares de Sousa, fazendeiro.” (Cf. *Gazeta de Notícias*, 2 out. 1886, p. 2.)

<sup>27</sup> A citação bíblica é de Mt 5,8: “Bem-aventurados os limpos de coração: porque eles verão a Deus.” (A BÍBLIA sagrada, 1867.)

<sup>28</sup> – Deus] Deus (sem o travessão) – em OCA2008.

A. – Olhe não falte ao Banco do Brasil no dia 28. Temos a eleição do diretor e presidente, e aqui não há princípios, são tudo<sup>29</sup> meios. Você sabe que há o diabo. É o caso da Ópera Nacional: *Eran due, or sono tre.*<sup>30</sup>

B. – Adeus, adeus.

A. – Mas qual a tese dessa conferência, que você não quer perder?

B. – É esta: “Se a direção do materialismo científico pode ser ou não vantajosa aos seres organizados”. Ora, eu tenho um gato de muita estimação, que não está no caso em que S. Mateus<sup>31</sup> manda que se faça alguma distinção entre o filho da casa e o cão da rua.<sup>32</sup> O gato é também de casa; e eu quero ver se nos pode aproveitar a ambos a direção do materialismo científico.

A. – Ah! meu caro, você cita os santos, eu cito os gentios. “Felizes os que podem conhecer a origem das cousas,”<sup>33</sup> – e (acrescento eu) e explicá-las<sup>34</sup> entre o almoço e o jantar. Adeus.

JOÃO DAS REGRAS.

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro.*

GN – *Gazeta de Notícias.*

OCA2008 – *Obra completa, em quatro volumes*, Nova Aguilar (2008).

---

<sup>29</sup> tudo] todos – em OCA2008.

<sup>30</sup> *Eran due, or sono tre.*] *Eran due, or son tre.* – em GN; *Eram due, or son tre.* – em DRR e em OCA2008.

<sup>31</sup> S. Mateus] São Mateus – em DRR e em OCA2008.

<sup>32</sup> Alusão à passagem de Mt 15,26-27 (Ele respondendo lhe disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães. E ela replicou: Assim é, Senhor: mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos.” – A BÍBLIA sagrada, 1867.)

<sup>33</sup> Citação das *Geórgicas* (II, 490) de Virgílio: *Felix qui potuit rerum cognoscere causas* (“Feliz quem pode conhecer as causas das coisas”). (Tradução nossa.)

<sup>34</sup> – e (acrescento eu) e explicá-las] e (acrescento eu) explicá-las (sem o travessão) – em OCA2008.

## Referências

A ABOLIÇÃO no parlamento: 65 anos de luta, (1823-1888) / apresentação do presidente José Sarney. – 2. ed. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2012. v. 2. Disponível em: <<https://bit.ly/2CgW7Uz>>.

A BÍBLIA sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

ASSIS, Machado de. A + B. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, ano XII, n. 271, p. 1, 28 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEI1E>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

BRANDÃO, José Maurício. Ópera no Brasil: um panorama histórico. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 31-47, 2012. Disponível em: <<https://url.gratis/besQw>>.

CASTAGNA, Paulo. A Imperial Academia de Música e Ópera Nacional (HMB – Apostila 10). In: *Apostilas do curso de História da Música Brasileira*. [São Paulo]: Instituto de Artes da UNESP, 2003. 15 v. Disponível em: <<https://bit.ly/2Cjx3wp>>.

DIÁRIO da câmara dos senadores do Império do Brasil. Disponível em: <<https://url.gratis/8WkwR>>.

HORBACH, Carlos Bastide. O parlamentarismo no Império do Brasil: Origens e funcionamento. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 43, n. 172, p. 7-22, out.-dez. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2OtPIHX>>.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IZZO, Francesco. *Laughter between two revolutions: opera buffa in Italy, 1831-1848*. Rochester, NY: University of Rochester Press, 2013. p. 22. Disponível em: <<https://url.gratis/usejb>>.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SOUSA, Eveline Almeida de. Henrique Beaurepaire Rohan e o espaço rural brasileiro no oitocentos. In: I SEMINÁRIO internacional Brasil no século XIX. Disponível em: <<https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline Almeida de Sousa.pdf>>.

ASSIS, Machado de. A + B (28 set. 1886).

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.

Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>